

Escatologia

A obra

A obra “Escatologia – Morte e vida eterna”, de autoria de Joseph Ratzinger (Papa Emérito Bento XVI) é uma pérola teológica. Pérola por sua raridade, um escrito sobre escatologia que não foca na parte curiosa da questão teológica dos últimos acontecimentos, antes fala sobre a importância da compreensão do que é *porvir* no cristianismo; e pérola por sua beleza fascinante, em um texto que consegue ser límpido enquanto cita teólogos católicos, protestantes e rebate com beleza e firmeza o que considera erros de interpretação de alguns estudiosos na história da igreja.

Nesse módulo aqui presente meu objetivo é utilizar do título que tenho em mãos como roteiro, rendendo assim a primeira homenagem – ou melhor, agradecimento – ao santo autor que tão bem elaborou seu índice. Percorrei os temas propostos acrescentando minhas próprias considerações, certo de que não se fazem necessárias para completar a obra (ela já é completa) tenho apenas o objetivo de acrescentar facilidades para a compreensão dos alunos da Escola de Conservadorismo, que porventura não gozaram da minha sorte de ter em mãos o livro aqui analisado¹.

O cristão e o tempo

Uma lembrança trazida pelo autor ainda na Introdução diz respeito ao ato de orar. Lembra o autor que, no judaísmo, as orações eram realizadas com o orante voltado para o Templo de Jerusalém (I Rs 8; II Cr 6), o espírito do servo no Velho Testamento² estava voltado à habitação do Altíssimo. Quem orava, direcionava não apenas sua voz como também a sua face a YHWH, dedicava a ele não apenas a alma como também o corpo em uma entrega plena que predizia, ainda que sem a consciência daquele que orava, a entrega paulina “[...]e todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (I Ts 5:23). Esse direcionamento *de corpo e alma* só veio a conhecer alteração formal na Igreja, onde o Templo de Jerusalém passa a não mais ser a habitação do Altíssimo, que morto e ressurreto em Cristo Jesus passa a habitar, por meio do Espírito Santo de Deus, o corpo dos crentes (I Co 6:19).

Com essa mudança habitacional do Espírito, a Igreja passou a adotar a fixação da cruz de Cristo no lado leste dos templos. Cristo é então rememorado na simbologia do nascer do sol, que sucede a noite em cada nova manhã assim como Jesus renasce todos os dias nos corações dos homens até o dia final. Os cristãos passam então na Igreja Primitiva a orar voltados para a cruz de Cristo como que *falando com o corpo*: Maranata. Se naquele dia *todo olho* O verá, os cristãos na igreja já em tempo presente prenunciam a sua vinda, como que acelerando a volta do Senhor assim como foi dito na segunda epístola de Pedro (3:12). E é aqui que se encontra um novo núcleo de vida dos filhos de Deus, que ligados a Cristo por meio de seu Espírito passam a não mais se dirigir ao templo na hora nona mas a viver no templo, ou ainda em mais gloriosas palavras, a terem a Vida em seus próprios templos físicos. Em Cristo, somos todos e cada um

¹ A edição aqui utilizada é a da Editora Molokai (2020) com tradução de Rubens Enderle. Edição belíssima, como se diz no mercado brasileiro: “de luxo”.

² A expressão “Velho Testamento” significa justamente “Velha Aliança”. Da mesma forma, o Novo Testamento é a Nova Aliança. Se a Antiga estava gravada em pedra, no Monte Sinal, a Nova é gravada em nossos corações com a expiação no Gólgota. São Pedro gostava da expressão “Cristo no coração”, e aconselhava sua igreja a santificar a Deus dessa forma (I Pe 3:15) assim como o apóstolo Paulo revelou que no coração dos santos, Deus fazia morada (Ef 3:17).

templos do Espírito Santo, realidade revelada que nos deve mover a santificarmos nossos corpos, não apresentando nossos membros ao pecado mas a Deus *como vivos dentre mortos*. O que no Novo Testamento é realidade, no Velho Testamento seria blasfêmia, e não por erro de compreensão teológica ou por falta de lucidez da vida pós-morte mas sim por viverem os hebreus no tempo em que a morte reinava sobre a vida, sendo o fim de todos os homens.

Teologia da morte

*E como morre o homem sábio? Da mesma maneira que morre o tolo! –
Eclesiastes 2:16*

Entender a desesperança em Eclesiastes só é possível ao leitor que entende o sheol³. Assim, situar o cristão no reino da Vida é necessário à compreensão da graça na qual vivemos e desgraça na qual os antepassados viveram antes da crucificação da testemunha fiel. A expressão descrente de Salomão é a constatação de um tempo em que, findada a bios, findava-se todo o viver. A vida estava no corpo e dele dependia tanto biológica quanto animicamente; em se morrendo não mais se estava. Foi assim que Jó protestou contra Deus, exclamando que insistindo Deus em sua destruição, o procuraria pela manhã e não mais o encontraria. Estaria então Jó destruído, escondido onde a graça de Deus não alcança[va] (Jó 14:13). E por que era assim? A resposta a essa pergunta não nos faz lamentar como Salomão, mas glorificar como Paulo ao perguntar ironicamente “onde está ó morte o teu aguilhão?”.

Enquanto vigorava a Lei, os homens viviam na glória temporal de Deus assim como Moisés descalçou os pés para pisar temporariamente em solo sagrado. Essa curta temporalidade diante de Deus se devia à não existência de algo que, no imaginário do cristão é natural: a ressurreição.

Com a chegada da possibilidade da ressurreição em Cristo, o próprio YHWH não mais precisava tomar para si os mais chegados, como fez com Enoque e Elias⁴. Cumpria-se então o anseio de Davi, onde no Salmo 16 versículos 9 e 10 espera (e profetiza) no Senhor:

“Portanto meu coração está alegre e a minha glória se regozija; minha carne também descansará na esperança. Porque tu não deixarás minha alma no inferno, nem farás com que o teu Santo veja corrupção.”

Claramente se referindo a Cristo, o Santo que morreu e ressuscitou, o salmista no capítulo 19 espelha para o reflexo neotestamentário da ressurreição. Foi em Cristo que a vida venceu a morte e a chave do inferno foi tomada das mãos de Satanás e levada aos Céus⁵. O sheol não mais detém a criatura, sequer as que habitaram sobre a terra antes da vinda do Redentor, até a esses miseráveis Cristo levou a sua palavra e estendeu o braço forte do Pai. Temos então um novo tempo onde o olhar de quem espera não mais se volta para a vida terreal, como os hebreus que tinham em YHWH a bonança, mas para a vida celestial, vivida eternamente ao lado do Pai após trilhar o Caminho. A esperança cristã é superior à veterotestamentária pois não se volta mais para o temporal, mas para o eterno, e isso só é possível em Cristo Jesus, fator que coloca o cristão em um novo ponto da linha do tempo. Se, antes de Cristo, o homem habitava no

³ לִיאָש, She'ol retratava o “reino dos mortos” ou “o abismo” no tempo veterotestamentário. O reino onde não havia a adoração a Deus conforme o salmista (6:5).

⁴ Em toda a Escritura, apenas Enoque e Elias foram arrebatados para juntos de Deus Pai como forma de evitar a morte. Esses episódios são relatados em Gn 5:22-24 e II Rs 2:11.

⁵ A tomada da chave do inferno por Cristo, no ínterim entre a morte e a ressurreição, consta no Credo dos Apóstolos e é referida por diversas passagens bíblicas como I Pe 3:19 e 4:6; Ef 4:8-10; profetizada em Si 68:18 e cantada em I Co 15:50ss.

intervalo entre a criação e a vinda da promessa, depois de Cristo passasse a viver na eternidade como está escrito no versículo bíblico mais conhecido em todo o mundo, João 3:16 “Porque Deus amou tanto ao mundo que ele deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” Ora, a vida eterna não começa após a morte mas é vivida já. Tem-se então na ressurreição de Cristo a mudança teleológica mais ousada de todo o projeto divino, a reformulação de como se dá a própria vida.

Projeto de tal magnitude só pôde ser concluído por ter tido a própria Vida como executor. Quando Jesus dizia “Eu sou a Verdade e a Vida” ele não estava se adjetivando mas sim revelando-se aos ouvintes; mostrava que ali estava um capaz -- justamente e naturalmente capaz --, de lidar com a vida pois “todas as coisas foram feitas por ele”, o Verbo⁶. Toda essa transformação muda a teologia da morte, da Lei para a Graça, fazendo com que nasça um movimento de fé diferente em absoluto para com o movimento judaico, a Igreja de Cristo que não mais teme a morte mas anseia por ela, sabedora de que somente por ela é possível dar entrada imediata à melhor parte da nova vida. A morte deixa de ser a maldição que era antes do Messias (Dt 30:19) e passa a ser a porta de entrada para o Reino dos Céus, razão pela qual Estevão ao olhar para o alto não via as pedras que o matavam mas o Pai que o recebia.

A fuga da dor

Termino essa primeira aula falando sobre a fuga da dor como consequência herética do abandono da Cristologia. Vemos em todo o ministério de Cristo que sua mensagem resumia-se a voltar os olhos de todos ao Pai, razão da anunciação de ser Ele o Cristo, a Porta, o Caminho, o Bom Pastor, enfim... Aquele que nos conduz a YHWH. Assim, em nenhum momento de sua pregação Jesus se ocupou objetivamente da mitigação das dores, nem mesmo seus milagres tinham por fim a extinção da dor temporal, antes eram meios de glorificação do Altíssimo (Mc 2:12; Lc 5:26 e Jo 11:4); os milagres se faziam necessários naquele momento entre os judeus devido ao tempo de subjugos em que se encontravam debaixo do domínio romano. Esse distanciamento para com os serviços no Templo, a ponto de transformarem o local sagrado em uma praça comercial, levou o judaísmo nos últimos dois séculos antes de Cristo a uma religião vazia de experiência, baseada unicamente na relação teórica para com o divino, motivo pelo qual enquanto o grupo dos fariseus dominava o templo e os saduceus se aliavam ao Império Romano, os essênios e os zelotes tiveram de se exilar no deserto e em meio à parcela mais pobre da sociedade hebraica⁷. Não havia mais lugar para a experiência pessoal com aquele que se conhecia por Ebenézer (*Even-Ezer*)⁸, e assim Cristo faz-se realizador de maravilhas, pregando *como quem tinha autoridade, e não como os escribas*.

Essa característica do Cristo cumpre o seu objetivo e realmente abre o universo empedernido na Judeia para a boa-nova, fertiliza o terreno e após a subida do Cristo e descida do Espírito, brota em árvore frutífera nos trazendo a Igreja Primitiva, fundada sob o exercício do poder de Deus que pode ser visto em todo o livro de Atos dos Apóstolos. Porém, se a visão era dada aos cegos, o movimento retornado aos paralíticos e até mesmo a vida aos mortos, de glorificação do

⁶ O Verbo, do grego *Logos*, foi creditado por YHWH como aquele que cumpriria suas tarefas, saindo dos Céus para a Terra e voltando ao pai com sucesso em sua missão redentora: “[...]assim será minha palavra, que sai da minha boca. Ela não retornará para mim vazia, porém, ela fará acontecer aquilo que eu desejo, e ela prosperará na coisa para a qual eu a enviei.” – Is 55:11. Tal Verbo já era experimentado no cumprimento das sentenças divinas, como no Gênesis traz à existência todas as coisas como o Santo Veículo realizador da vontade do Pai (Gn 1:3).

⁷ SHELLEY, B. L. *História do Cristianismo*. Editora Thomas Nelson Brasil. Rio de Janeiro, 2019.

⁸ O nome Even-Ezer foi dado pelo profeta Samuel a uma pedra usada para marcar posição histórica e geográfica de até onde, naquele momento, YHWH os havia conduzido com vitória. Essa pedra se torna na Nova Aliança o próprio Cristo, a Pedra Angular que estabelece toda a estrutura corpórea e imaterial da Igreja.

nome de Deus os dons do Espírito Santo passaram a ser ministrados unicamente com o fim da assistência do homem, ou a mitigação das dores. Temos então ao longo dos primeiros séculos da Igreja uma marca que se estende e chega aos nossos dias; se em Samuel a pedra colocada dizia “até aqui nos ajudou o Senhor”, hoje o nosso marco diz “volte a nos ajudar Senhor!”. Na obra do Papa Emérito Bento XVI aqui estudada, o problema é tratado com as seguintes palavras (p. 127):

Hoje, com as novas possibilidades de que o homem dispõe, o tema da evasão do sofrimento adquiriu uma importância praticamente inédita. A tentativa de eliminar a dor por meio da medicina, da psicologia e da pedagogia, ou mediante a construção de uma nova sociedade, converteu-se no gigantesco empenho da salvação definitiva da humanidade. É claro que a dor pode e deve ser reduzida por todos esses meios, mas a vontade de eliminá-la por completo seria idêntica ao desprezo pelo amor e, assim, à anulação do próprio ser humano. Tais tentativas não passam de pseudoteologia; tudo o que podem obter é uma morte vazia e uma vida vazia. Quem não enfrenta o sofrimento, abdica de viver. Fugir do sofrimento é fugir da vida. A crise do mundo ocidental repousa fundamentalmente numa educação e numa filosofia que pretendem salvar o homem desviando-o do caminho da cruz, levando-o a revoltar-se contra ela e, por conseguinte, contra a própria verdade.

Voltemos a afirmar: o valor relativo desses caminhos é indisputável. Eles podem fornecer uma ajuda preciosa, caso se reconheçam como parte de um todo mais amplo. Porém, tomados isoladamente, desembocam no vazio. Pois, na realidade, o homem só se pode contentar com uma resposta que faça jus à infinita exigência do amor. Apenas a vida eterna é a resposta suficiente à questão da existência e da morte humanas neste mundo.

Temos na evasão do sofrimento, para utilizar as palavras daquele autor, uma busca que não apenas volta-nos para a teologia da morte veterotestamentária como também nos retrocede à busca de uma recompensa puramente terreal, em contraposição à beatitude celeste que nos é apresentada no Sermão do Monte. A cristandade moderna não consegue mais olhar para nada que não seja táctil, comprehensível com a mente humana e alcançável ainda nesta vida e, se no Monte o Pregador nos ensina o princípio da economia celestial dizendo “ajuntai para vós tesouros no céu”, estaríamos nós hoje construindo a classe proletária da Nova Jerusalém, o grupo que chegará na nova morada sem um tostão perene uma vez que toda a sua paga já lhe foi dada na Terra? É de se pensar o dano do pensamento marxista levado ao além túmulo, ao entrar na Igreja e fazer nela morada com um pensamento de prosperidade reduzido ao tempo em que aqui se vive.

Na próxima aula falaremos sobre a Imortalidade da alma e a ressurreição dos corpos.

Fernando Melo
Brasília, fevereiro de 2021